

plásticos
em revista

60 ANOS | 2022 | EDIÇÃO 692

PUBLICAÇÃO NACIONAL MAIS ANTIGA DO SETOR

www.plasticosemrevista.com.br

f i n y t /Plásticos em Revista



PRONTOS PRO QUE DER E VIER

O mercado
reconhece quem
aparece e cresce

SONDAGEM

Onde ficarão as
próximas plantas
de PE e PP?

SACOLAS E SACOS DE LIXO

Municípios podem
escolher soluções
sustentáveis



Paul Hodges
CEO da consultoria
New Normal e
analista blogueiro
do portal Icis

O mercado mundial de plásticos de uso único está encurralado por um movimento que irá mudar dramaticamente seu modelo de negócio. Do lado das matérias-primas petroquímicas, a invasão da Ucrânia pela Rússia criou a crença consensual de que nunca mais deveremos ser submetidos como objetos de resgate em mercados de energia. Até mesmo a Agência Internacional de Energia reconhece essa regra e, em paralelo, o explosivo crescimento em curso nas vendas de carros elétricos já está levando ao fechamento de refinarias de petróleo e, por tabela, ativando a necessidade de encontrar uma nova matéria-prima substituta da nafta. Do lado dos usuários, os consumidores deixaram caro por anos o desejo de que brand owners e varejistas parem de usar plásticos de uso único.

A recente Conferência dos Oceanos, promovida em Lisboa pela ONU, confirmou a intenção de governos de legislar nessa área e, entre eles, o da União Europeia toca adiante sua diretiva relativa a embalagens e seus refugos. Embalagens descartáveis mobilizam dois terços do consumo global de PE e 25% no caso de PP. Portanto, o desenvolvimento de soluções sustentáveis de acondicionamento gera uma oportunidade única para implementar um novo modelo de negócios baseado na resina reciclada. Trata-se de recurso hiper valioso e não deve ser despejado em lixão ou incinerado. Operações bem estabelecidas de reciclagem colocarão a indústria plástica em linha com o futuro mais sustentável, com base no conceito do carbono renovável.

De volta ao cerne da pergunta dessa sondagem, sobre os locais mais atraentes para receber investimentos petroquímicos hoje rejeitados na Justiça dos EUA por ambientalistas: diante do cenário exposto acima, acho que são os países que fazem suas leis e, nessa trilha, a Rússia continuará a agir como quiser. Já o Oriente Médio está diferente, pois anda aplicando dividendos com combustível fóssil em negócios de vanguarda, caso da Arábia Saudita investindo na zona econômica transnacional NEOM, na fronteira com Jordânia e Egito, um centro de negócios movido a energia eólica e solar. No mais, O Oriente Médio continua muito dependente dos mercados chinês e europeu para suas vendas de polímeros, embora reconheça que será impactado pelas mudanças de paradigmas que já detalhei.